

## O PARADOXO E SUAS RELAÇÕES EXISTENCIAIS EM KIERKEGAARD

Juvenal Dias da Rocha<sup>1</sup>

**Resumo:** Paradoxo é um tema constante em Kierkegaard propositalmente declarado ou nas entrelinhas tanto de suas obras quanto de sua própria vida. Este estudo pretende desenvolver o tema em Kierkegaard a partir de uma espécie de fichamento parcial de suas principais obras pois é assim que ele define o indivíduo e sua existência. Portanto, deve ter como plano de fundo os próprios temas tratado em, pelo menos três de suas principais obras, ainda que seja necessário “passear” por quase toda ela para se conseguir uma melhor clareza na colocação dos conceitos. Sua filosofia parte da ideia de que a individualidade de um homem é que define a sua existência face às diversas situações a que ele é submetido e, sendo ele finito se ver na iminência de confrontar-se com o infinito – Deus. Coloca forte ênfase no conceito de angústia, de desespero e no salto da fé, que é o meio pelo o homem passa de um estágio para o outro até ao estágio religioso, ao se defrontar com a necessidade de arrependimento implicado pelo pecado mortal, implícito nas Escrituras. O contexto em que Kierkegaard escreveu fornece a motivação para sua inquietação com o paradoxo na existência humana em sua relação com a fé, o amor e a liberdade e outros temas não estudados neste artigo.

**Palavras chave:** paradoxo, angústia, existência, individualidade.

**Abstract:** Paradox is a constant theme in Kierkegaard purposefully declared or for deduction, both his works and his own life. This study aims to develop the theme in Kierkegaard from a kind of partial digest of his major works because that is how he defines the individual and their existence. Therefore, must have as a background the own themes treated in at least three of his major works, even if it is necessary to "wander" by almost all of it to achieve better clarity in the placing of the concepts. His philosophy the idea that a man's individuality what sets its existence in face of the various situations to which he is subjected and, being finite see himself it on the verge of confrontation with the infinite-God. Puts strong emphasis on the concept of anguish, despair and leap of faith, which is the means by the man passes from one stage to another until the religious stage, when presented with the need for repentance implicated by mortal sin, implied in the Scriptures. The context in which Kierkegaard wrote provides the motivation for its concern with the paradox in human existence in its relationship with faith, love and freedom and other themes not examined in this article.

**Keywords:** paradox, anguish, existence, individuality.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia – UFU- Programa de Pós-graduação – Mestrado em Filosofia [juvdr@uol.com.br](mailto:juvdr@uol.com.br)

## INTRODUÇÃO

Este estudo pretende desenvolver o tema do “paradoxo” em Kierkegaard. Não somente por causa do constante uso do conceito, mas também como fazendo parte de sua vida e, em considerável medida de seu pensamento filosófico, o conceito de paradoxo deve ter lugar específico na tarefa de compreender Kierkegaard. Principalmente se tratando de entender a questão aparentemente contraditória do sentido da existência dentro de sua filosofia. Além de estudar o âmbito da liberdade humana definida nos paradoxos os quais nos remetem a implicações religiosas e éticas fundamentais. Parece ser importante refletir sobre o paradoxo da condição humana e como a angústia do existir afeta ou explica sua ansiedade por entender o sentido e o propósito da existência em sua relação com o infinito e a desesperada busca por entender a que destino essa existência o levará, uma vez que reflete sobre a doença até a morte.

De acordo com sua biografia, Kierkegaard, é ele próprio, um paradoxo. Como ele mesmo afirmou: “Não é necessário pensar mal do paradoxo, pois o paradoxo é a paixão do pensamento, e o pensador sem um paradoxo é como o amante sem paixão, um tipo medíocre” (KIERKEGAARD, 1995, p. 15). Ele é um dos raros filósofos, que projetou sua própria vida ao desenvolver sua filosofia. Suas inquietações e angústias estão expressas em seus textos, incluindo a relação de angústia e sofrimento que ele manteve com o cristianismo – herança de um pai extremamente religioso, que cultuava a maneira rígida princípios do protestantismo dinamarquês, religião de Estado. Para Kierkegaard a existência é feita de paradoxo. As principais características que marcaram paradoxalmente sua existência tem vai da infância até a morte. De forma coerente com o seu estilo polêmico regeitou a assistência religiosa oficial, muito embora tivesse desenvolvido profundo sentimento religioso. Sentimento esse que o levou, após curto período de afastamento, a ingressar em um curso de teologia da Universidade de Copenhague e cogitar o cargo de pastor.

Procura-se estudar o tema em três curtos momentos, a saber: O Paradoxo da Fé; o Paradoxo do Amor; e o Paradoxo da Liberdade, e desse modo compreender o sentido que Kierkegaard empresta ao conceito de paradoxo em sua filosofia e como essa explicação contribui para a clareza da questão da liberdade de consciência, assunto geral a que se pretende elucidar. Desse modo pretende-se descobrir como a relação dos paradoxos em

Kierkegaard pode auxiliar na compreensão da liberdade individual como ênfase na posição transparente do autor (contra Hegel) de que a individualidade define a existência e não o sujeitar a um sistema predeterminado.

Sua filosofia parte da ideia de que a individualidade de um homem é que define a sua existência face às diversas situações a que ele é submetido e, sendo ele finito se ver na iminência de confrontar-se com o infinito – Deus. Coloca forte ênfase no conceito de angústia, de desespero e no salto da fé, que é o meio pelo qual o homem passa de um estágio para outro até ao estágio religioso, (com forte ênfase no cristianismo autêntico em contraste com que Kierkegaard chama de crmandade) ao se defrontar com a necessidade de arrependimento implicado pelo pecado mortal, implícito nas Escrituras.

## **1. O PARADOXO DA FÉ REFERIDO NO PERSONAGEM BÍBLICO: ABRAÃO**

O contexto em que Kierkegaard escreveu fornece a motivação para sua inquietação relacionada com o tema da fé. Destaca-se que se trata da fé cristã, observada a sua fraqueza e quase anulada influência no seio da religião oficial, ele resolve tratar filosoficamente (quer dizer em tom irônico) do tema, de forma que os dinamarqueses sentissem compulsão em considerar, ou melhor, reconsiderar os seus conceitos de fé.

Kierkegaard propunha a si mesmo o desafio de se revelar ele próprio um daqueles que, tendo sido criado no regime da fé, correu o risco de anulá-la pessoalmente quando se afastou dela (a fé) sendo obrigado a afastar-se de seu pai; mas reconsiderou a atitude anti-fé; por isso retornou à fé e simultaneamente a seu pai, que tanto empenho fez para mantê-lo arraigado na fé. Kierkegaard faz uma afirmação categórica que vai nortear toda sua vida daí em diante, até à sua morte em 1855. Ele disse: “desejo uma verdade que seja verdadeira, pela qual eu possa viver e morrer” (REICHMANN, 1978, p. 39) – declaração que dá o pontapé inicial ao tema do paradoxo, especialmente o “paradoxo da fé”.

O paradoxo da fé de Abraão - Como era sua praxe ele coloca forte ênfase na individualidade, pois o paradoxo da fé põe o indivíduo como quem determina sua relação com o geral, tendo como referencial o absoluto – o paradoxo é formulado como um dever para com Deus. Nesse caso o indivíduo se defronta com o paradoxo de ter de partir da relação

com Deus para se relacionar com os outros. Então introduz a personalidade de Abraão em sua relação paradoxal com a fé. Em seu livro *temor e tremor* ele faz essa relação.

O paradoxo da fé consiste em que o indivíduo é superior ao geral, de maneira que, para recordar uma distinção dogmática (...) o Indivíduo determina sua relação com o geral tomando como referência o absoluto, e não a relação ao absoluto em referência ao geral. Pode ainda formular-se o paradoxo dizendo que há um dever absoluto para com Deus; porque nesse dever, o Indivíduo se refere como tal absolutamente ao absoluto. (...) Quando se diz que é um dever amar a Deus (...) recebe uma expressão muito diferente, a do paradoxo, de forma que, por exemplo, o amor para com Deus pode levar o cavaleiro da fé a dar ao seu amor para como o próximo a expressão contrária do que, do ponto de vista moral, Abraão está perdido, visto que cedeu. (KIERKEGAARD, 1998, p. 30)

Note que Kierkegaard se refere a Abraão como o “cavaleiro da fé”, o qual se nega a se aproximar de Deus pelas vias da moral. Não que a moral seja abolida em absoluto, mas que o caminho da moral trata-se da volta, após sua aproximação de Deus, pela fé. A razão para isso, segundo Kierkegaard é simples: se Abraão se enveredasse pelas vias da ética, ao invés de ser considerado um herói estaria ele mesmo perdido, pois segundo a ética da qual Abraão possuía estreita familiaridade, ele jamais teria atingido o que Kierkegaard chama de “salto” e, assim estaria paradoxalmente perdido.

Desse modo, a relação de Abraão com a Ética é paradoxal – Isso explica porque Kierkegaard opunha-se ao racionalismo posto por Hegel, por um lado, e ao luteranismo então imperante na Dinamarca, por outro. Ambos se opunham a concepção da verdade filosófica de Kierkegaard. Ele sentia profundamente o afastamento da igreja da religiosidade interior, considerada por Kierkegaard condição essencial para o verdadeiro cristão. Para ele, ser cristão não se trata apenas de abraçar racionalmente o código de ética, ser cristão é viver intensamente o relacionamento com o absoluto – Deus. E isso só é possível, diz Kierkegaard, por meio da religiosidade interior, que o Indivíduo tem que enfrentar com o sentimento de angústia da sensualidade patrocinada pelo pecado, o qual constitui o grande obstáculo para se sair bem no paradoxo da fé.

O paradoxo da fé é o grande desafio – é o Paradoxo Absoluto sob a perspectiva do tornar-se cristão. Coloca a questão do processo de como tornar-se cristão e onde ela é posta ou acontece, então ele responde que o tornar-se cristão está sob juízo e graça no encontro com o Paradoxo Absoluto. É nesse contexto que Cristo é apresentado enquanto simultaneamente modelo e redentor e é enfatizada a importância do discipulado cristão enquanto seguir a Cristo, destacando que a fé é o único meio de se adequar ao caráter de discípulo.

Ao desafio de seguir a Cristo por meio da fé, Kierkegaard chamou de absurdo que conduz ao abismo da fé, o qual em sua concepção contrastava-se com o modo de vida ético e estético, visto que o paradoxo não ocorre simplesmente na área do dever, nem de regras universais, nem de exigência de caráter estritamente racional. Pois para Kierkegaard não se trata de contar nos dedos todos os deveres; mas para além dessas regras encontra o sentimento intenso dever, de modo que a consciência esteja garantida da validade eterna do ser em sua relação com o absoluto.

O paradoxo entre fé e os estágios no caminho da vida— Contrastando com a conduta estética e a conduta ética está a conduta religiosa. Esse contraste se deve à inutilidade desses dois estágios do caminho por serem constituídos por mera determinação do indivíduo, a quem não oferece qualquer segurança. Ao contrário, a conduta estética resulta em desespero e a ética, em contradição. Por isso, segundo Kierkegaard, o que importa ao indivíduo, ainda que ele tenha de passar por esses estágios, é necessário que se passe para o estágio religioso o quanto antes, amparado pelo sentimento do pecado, pois o arrependimento é a suprema expressão da ética, que mesmo em face da contradição, encontra solução na passagem para a etapa religiosa de sua vida.

Como ênfase necessária, deve-se ressaltar que, esse paradoxo da fé sempre volta a Abraão, pois ele mesmo é o supremo exemplo da passagem do estágio ético para o religioso. Ao lhe ser exigido o sacrifício de seu próprio filho Isaac, Abraão, cuja vida se achava inserida na ética, se vê diante do paradoxo de “ultrapassar” a ética e cometer a transgressão de uma lei natural posta pelo próprio Deus e que ele, bem como seu filho Isaac possuía, pela disposição de obedecer. Abraão se vê encurralado pela consciência do dever, mas resolve realizar o “salto” do estágio ético para o religioso. Ele então se mergulha no paradoxo da fé – salta para a fé, aceitando o absurdo da exigência divina e esperando o absurdo da recuperação do filho oferecido. Isso também é contra Hegel e a sedução da igreja estabelecida – o paradoxo consiste em que o indivíduo, em meio ao desespero e ansiedade em relação à passagem do estágio ético, sua angústia não depende de critérios racionais como regras que apelam para o dever – agora é saltar para a relação com o absoluto e ser lançado no absurdo.

O paradoxo da fé gera a angústia – Quando Abraão se depara com o desafio de saltar para o absurdo com base na fé no absoluto lhe sobrevém a angústia. Aí se encontra a possibilidade do pecado. Ele devia escolher sua própria ação: oferecer ou não oferecer seu filho Isaac em sacrifício, no monte Moriá como lhe ordenara Deus. Ele então se desespera,

não diante de fatos contingentes, mas diante de si mesmo, quanto ao padrão ético pré-estabelecido. Kierkegaard utiliza-se desse conceito para implicar a realidade do se tornar cristão. Toda sua vida constituiu uma intensa experiência da contraposição entre aquilo que considerava ser o cristianismo em seu significado mais profundo e as roupagens exteriores com as quais se revestia a igreja luterana de seu tempo. Para Kierkegaard, o significado mais profundo do cristianismo é a vivência e a certeza da fé. É uma certeza muito peculiar, pois corresponde a uma incerteza objetiva e, conseqüentemente constitui um paradoxo e um absurdo. É a realidade da subjetividade da fé, que constitui em algo finito, mas dependente do infinito – Deus. Aí também existe a angústia, pois trata da relação do paradoxo. Relação essa que não produz nenhuma tranquilidade, pelo contrário, uma permanente angústia produzida pela incapacidade de se relacionar absolutamente com Deus, que é ao mesmo tempo real e absolutamente incompreensível.

## **2. O PARADOXO DO AMOR EM SEU CARÁTER VERDADEIRO**

O desenvolvimento do tema do discipulado como uma reflexão sobre o amor cristão destacando o dever de amar o próximo e a manifestação do amor em obras. A categoria da edificação é então trabalhada enquanto modo do amor. Se para o filósofo, o paradoxo é considerado uma paixão, já referido acima; citando novamente o autor, volto a enfatizar a sua posição de que o paradoxo é a paixão do pensamento, pelo qual o pensador é obrigado se envolver. Logo, o amor está na categoria de paradoxo na medida em que o amor cristão constitui uma paixão, apesar de reconhecido apenas por meio das obras (o paradoxo nas Escrituras é que obras em si não se difere à paixão) praticadas sob juízo e graça.

O elogio ao casamento é um clássico exemplo dessa paixão, onde Kierkegaard considera grande arte a presença da mulher, “esse ser belo e caprichoso, que é tão difícil de fixar numa relação definida”. (KIERKEGAARD, 1997, p. 23) Nesse caso, o amor é algo paradoxalmente necessário, apesar de suas artimanhas naturais, que ao mesmo tempo engana, faz sofrer, liberta e realiza as pessoas enquanto referindo ao matrimônio cristão, destacando os porquês do matrimônio, seus mistérios e limites do amor romântico presentes no matrimônio cristão dentro dos limites do egoísmo que prioriza a entrega total de si mesmo. Para Kierkegaard casamento é unir-se em amor e é o ponto fundamental; mas considera o amor romântico uma ilusão em face das vicissitudes exteriores e da temporalidade do matrimônio.

O paradoxo, portanto, consiste exatamente no contraste entre o amor romântico presente até mesmo no matrimônio cristão e o amor verdadeiro e substanciado na graça. O amor romântico é meramente estético, portanto, ilusório e efêmero; o amor substanciado na graça está ligado à ética e é religioso.

Em sua obra específica, “As obras do Amor” Kierkegaard coloca o amor cristão como um paradoxo insolúvel, difícil de divisar, carregado pela incompreensão, especialmente por parte daqueles que estão “de fora”, mas ressalta que até mesmo os participantes correm o risco de se envolver em equívocos ainda que provisório na compreensão de certas afirmações da Escritura com aplicabilidade ao amor. Ai então ele destaca da lista da descrição das “obras do amor” na Primeira Epístola do apóstolo Paulo aos Coríntios, algumas características: “O amor tudo crê”; “o amor espera tudo”; “o amor não procura o que é seu”; “o amor cobre uma multidão de pecados” e “o amor permanece”. Mas o paradoxo está no que Kierkegaard afirma desses conceitos. Ele diz, por exemplo, que o amor tudo crê e, no entanto, jamais é iludido. O que ele quer dizer com isso é o paradoxo. Como pode ser isso? Está ele dizendo que o amor é crédulo? Qual a diferença entre tudo crê e ser crédulo? O paradoxo consiste exatamente em que o amor existe em contraste com a desconfiança.

O que Kierkegaard destaca como diferença entre amor e desconfiança é o fato de que o amor tudo crê e a desconfiança não crê em nada. Ele coloca que apesar disso há uma semelhança entre os dois conceitos: saber. E é precisamente essa característica comum que consiste o elogio do amor – que tudo crê, entretanto, não é iludido, pois também está alicerçado no saber e não na ignorância como o enunciado parece sugerir.

E também não é, de jeito nenhum, no sentido de sagacidade, que o amor jamais é iludido; pois amar de tal maneira que jamais se esteja iludido é, de acordo com a compreensão e a linguagem da sagacidade, a conduta mais boba e mais tola, e é até um escândalo para a sabedoria mundana – mas por isso mesmo, é difícil reconhecer tal conduta como essencialmente própria do cristianismo. O amor é exatamente o contrário da desconfiança, e, no entanto, ele é iniciado no mesmo saber; no saber ambos são, se quisermos, indiscerníveis um do outro (pois o saber é de fato o infinitamente indiferente); só na conclusão e na decisão, na fé (crê em tudo e não crê em nada) é que eles são diametralmente opostos. Com efeito, quando o amor crê em tudo, não é preciso entender isso, de jeito nenhum, no mesmo sentido da levandade, da inexperiência e da credulidade, que acreditam em tudo pó ignorância e desconhecimento. Não, o amor sabe tanto quanto qualquer um, ciente de tudo aquilo que a desconfiança sabe, nas sem ser desconfiado; ele sabe tudo o que a experiência sabe, mas ele sabe ao mesmo tempo em que o que chamamos de experiência é propriamente aquela mistura de desconfiança e amor. (KIERKEGAARD, 2005, p. 257)

O amor espera tudo – e, no entanto jamais é confundido – isto dá sequência ao caráter paradoxal do amor. Ai Kierkegaard estabelece a relação com o eterno – um nome de Deus relacionado com um de seus atributos – ser eterno, porque a subjetividade do indivíduo se encontra na temporalidade de se sua existência, na qual permeia a impossibilidade da espera e, quando por um pouco se consegue esperar acontece a confusão e a vida perde o sentido e se lança no desespero.

Então Kierkegaard assevera que essa capacidade se encontra no eterno, porque preso na temporalidade, que, diz ele, “por mais longo que seja, torna-se um resíduo da eternidade”, na qual o indivíduo está presto a perecer, sufocado pela humanidade. Mas existe um caminho, uma saída – o cristianismo verdadeiro. Encontramos o caminho no cristianismo, pois a espera consiste em que é graças ao eterno (Deus) que o cristianismo renova a cada instante o ar e as perspectivas, pois é nele que percebemos a relação entre tempo e eternidade, quando independentemente das ações individuais de agitação em agitação,

O cristianismo “renova o ar e abre horizontes, graças à sua fala figurada que faz dessa vida terrena o tempo da semeadora, e da eternidade, o da colheita. (...) graças à sua linguagem parabólica que refere a essa vida à luta e à tribulação, e a eternidade ao triunfo. (...) dá à vida o seu caráter de e festividade evocando DM sua linguagem figurada aquele cenário da eternidade, onde se decidirá para sempre quem conquistou a coro da glória, e que é entregue à vergonha. (KIERKEGAARD, 2005, p. 278, 279)

Assim ele segue discernindo o amor verdadeiro para diferenciá-lo do falso, mas sempre destacando os paradoxos relacionados como o amor verdadeiro, que o faz tão incompreensível na óptica do senso comum, da opinião popular do tema do amor<sup>2</sup>. Por isso, como ocorre em toda sua filosofia, Kierkegaard recorre a Escritura para dar esclarecimento, (ainda que limitado pelo paradoxo) do que é manifestado pelas obras, em contraste com o que se pensam ser o amor uma paixão, um sentimento ou, até mesmo sensibilidade romântica. Ele recorre, ao poema do amor que se encontra na primeira epístola de Paulo aos Coríntios e, consegue colocar filosoficamente os termos, transformando o tema do amor em um conceito dialético em que é colocado como tendo sentido contraditório para aqueles que não participam diretamente dessa virtude divina. Pois dizer que o amor crê em tudo, espera tudo, não procura o seu próprio interesse e cobre uma multiplicidade de pecados, soa um tanto quanto estranho na aparência; por isso é justificada a reflexão kierkegaardiana, não em que ele resolve o

---

<sup>2</sup> As Escrituras referem a quatro palavras gregas que traduz a palavra amor (em ordem, segundo o grau de virtude): *a;storgoj eroj, file,w* e *a'ga,ph*. Mas o senso comum normalmente usa as palavras *eroj, e file,w*. Portanto, quando Kierkegaard fala de amor verdadeiro, está se referindo ao amor *a'ga,ph*.



paradoxo do amor, mas que presta relevantes esclarecimentos de modo que se possa refletir e aceitar a forma de amor que eleva o próximo e dá sustentação às suas realizações. No aspecto em que o amor tudo crê, o autor diz que:

Não é de jeito nenhum, no sentido da sagacidade, que o amor jamais ser iludido; pois amar de tal maneira que jamais se esteja iludido é, de acordo com a compreensão e a linguagem da sagacidade, a conduta mais boba e mais tola, e é até um escândalo para a sabedoria mundana – mas por isso mesmo, é fácil reconhecer tal conduta como essencialmente própria do Cristianismo. (KIERKEGAARD, 2005)

Kierkegaard deixou claro que não era sua intenção dar uma definição do conceito de amor; mas descrever quais são os frutos que o identifica na pessoa de quem se pode dizer que ama verdadeiramente, o qual se diz ser mais forte do que o amor platônico e mais profundo do que o amor apaixonado; e é nos frutos que se reconhece também a ausência de amor.

### **3. O PARADOXO DA LIBERDADE ENQUANTO REALIDADE E POSSIBILIDADE DO PECADO**

Para Kierkegaard o objeto próprio da reflexão filosófica é o homem em sua existência concreta e estritamente individual, sempre definida nos termos de uma situação determinada, mas não necessária – “o ser em situação”, “o ser no mundo”, a partir da qual o homem, alcança a liberdade, por já não ser portador de uma essência abstrata e universal. O paradoxo, nesse caso consiste em que, como um indivíduo, ele se torna o mentor de sua vida, do seu próprio destino, ao mesmo tempo em que considera as limitações concretas, as intempéries existenciais. Mesmo assim, o homem tem diante de si várias opções possíveis, é livre, não se conforma a um predeterminismo lógico. A verdade não é encontrada através do raciocínio lógico (contra Hegel), mas segundo a paixão que é colocada na afirmação e sustentação dos fatos: a verdade é subjetividade.

Paradoxalmente, é uma liberdade ilimitada, não obstante a falta de um projeto básico (venha de onde vier) para o homem como um indivíduo. Porque qualquer projeto para o homem representaria uma limitação à sua liberdade. Não existe uma essência definidora do homem; nenhum projeto básico. Esse pensamento de Kierkegaard foi mais tarde traduzido por [Sartre](#) na frase "a existência precede a essência".

Dessa forma Kierkegaard pensou o homem – como um indivíduo situado concretamente na temporalidade, cuja relação com o infinito é estabelecida com base na

liberdade. Liberdade essa que se encontra na relação com o cristianismo à semelhança de Sócrates e à parte de Hegel<sup>3</sup>. Ou seja, um cristianismo que independe de sistemas racionais, que se relaciona com verdade subjetiva alcançada pela fé. Daí sua crença na necessidade de que cada indivíduo faça uma escolha consciente e responsável, referido em *O Conceito de Angústia*. É aí que ele amplia o conceito de liberdade para a esfera da psicologia e elabora suas idéias a respeito da filosofia da liberdade. Nessa esfera é posto o paradoxo da liberdade, isto é, o fato da angústia que a liberdade gera no homem, pela possibilidade de pecar ou de não pecar – uma profunda insegurança e medo.

Em sua própria existência, sua constante luta foi em conquistar da liberdade; especialmente, a liberdade que um pensador mais necessita – liberdade de expressão, liberdade de pensamento (diga-se liberdade de consciência). A liberdade de um livre pensador comprometido com a verdade.

O conteúdo da liberdade [...] é a verdade, e a verdade torna o ser humano livre. Mas justamente por isso a verdade é a obra da liberdade, de modo que esta constantemente engendra a verdade [...] que sabe que a necessidade do pensamento também é sua liberdade, e que, por isso, quando fala em pensamento, fala apenas do movimento imanente do pensamento eterno. (KIERKEGAARD, 2010, p. 150)

Pouco antes da morte de seu pai em 1837, ele retorna à universidade, e sua vida começa a mudar e retoma assim o relacionamento com o pai. Torna noivo de Regine Olsen em 1840; mas por achar-se incapaz tanto para ministério pastoral como para partilhar sua vida com outra pessoa, rompe o noivado e se entrega à vida solitária, para dedica-se inteiramente à ocupação que ele mais gostava – escrever. Esses acontecimentos exerceram profunda influência em sua obra, tornando os seus textos mais profundos e seu pensamento mais religioso. Para ele, essa era a única maneira de vivenciar sua fé. Em 1840 ele conclui o [curso](#) de teologia, e apresentava sua tese de doutorado sobre o tema: *Sobre o Conceito de Ironia – refeindo-se constantemente a Sócrates* e prega o seu primeiro sermão, mas, por razão já mencionadas acima desiste do cargo pastoral<sup>4</sup>.

Após romper o noivado, Kierkegaard viajou, em 1841, para a Alemanha, onde foi aluno de Schelling e esboça alguns dos textos que, em sua maioria, constitui uma tentativa de explicar a Regina Olsen, e a si mesmo, os paradoxos da existência religiosa. De volta a

---

<sup>3</sup> Este é um dos fatos que o caracteriza com paradoxal. Tendo se encantado, inicialmente, com a filosofia hegeliana, após perceber a incoerência do racionalismo, rompeu com Hegel e passou a viver para criticar a ausência de subjetividade em sua filosofia.

<sup>4</sup> Assim como desiste do casamento por razões pessoais, por se achar incapaz de tais relações éticas, preferindo viver com um eremita urbano e viver para expressar sua liberdade por meio de sua filosofia.

Copenhague publica em 1843 “A Alternativa”, “Temor e Tremos e “A Repetição” e outros. Kierkegaard elabora seu pensamento a partir do exame concreto do homem religioso historicamente situado. Assim, ao filosofar, ele reflete ao mesmo tempo no caráter socrático do autoconhecimento e na posição do indivíduo diante da verdade cristã.

Sua famosa polêmica com a liderança eclesiástica dinamarquesa começou com o seu ingresso no curso de Teologia, na Universidade de Copenhague, onde tomou conhecimento do sistema filosófico de Hegel, cuja influência estendia-se a todos os setores intelectuais e até mesmo à teologia da igreja luterana, que estava impregnada de seu racionalismo. Kierkegaard, se deixou seduzir inicialmente, pelas sutilezas da dialética hegeliana; mas logo percebeu a forma como o sistema hegeliano negava a existência concreta do indivíduo, reduzindo-a à pura racionalidade, e passou a contestar energicamente o hegelianismo. Para Kierkegaard o indivíduo não pode ser reduzido, pois sua especificidade e seu caráter são insuperáveis em sua realidade. Por isso não se deve buscar o sentido do indivíduo numa harmonia racional que anula as singularidades, mas na afirmação radical da própria individualidade. Kierkegaard reflete na situação do homem, enquanto ser individual, no mundo e perante aquilo que o ultrapassa – o infinito, Deus. Nesse contexto, a individualidade deve ser entendida, não como um conceito lógico a priori, mas como a solidão característica do homem se coloca como finito perante o infinito – o paradoxo que define sua existência.

O pecado é tratado paradoxalmente quando é verificado dentro do conceito possibilidade. Aí entra várias possibilidades, incluindo a possibilidade de reconciliação, implicada na angústia provocada pela possibilidade de pecar. Então a liberdade entra como possibilidade impossível, pois quando ela torna possível, diz Kierkegaard, “ela se torna real tal como se dizia da existência de Deus quando torna possível, se torna necessária” (KIERKEGAARD, 2010, p. 24).

Ao procurar estabelecer o conceito de angústia Kierkegaard tenta colocar (repetidas vezes) uma definição na qual ele afirma que “[...] é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade (KIERKEGAARD, 2010, 45). Ora, realidade e possibilidade são duas coisas, no mínimo, ligeiramente, antagônicas. Então, como a liberdade, para Kierkegaard pode ser ao mesmo tempo, realidade e possibilidade? Ainda mais paradoxal é dizer que é possibilidade antes da possibilidade!

Uma explicação (se é que seja possível explicar um paradoxo) possível para esse paradoxo é que a realidade antecede a possibilidade, exatamente, no sentido da determinação. Por isso a possibilidade da liberdade não consiste em poder escolher o bem ou o mal, o que Kierkegaard chama de “realidade efetiva” – e que: “o objeto da angústia é agora algo determinado, o seu nada é alguma coisa efetiva [...]” (KIERKEGAARD, 2010, p. 119) <sup>5</sup> Agora vejamos quão paradoxal, realmente é, ele esclarece no *Conceito de Angústia*.

Quando o pecado é posto no indivíduo, pelo salto qualitativo, aí se coloca a diferença entre bem e mal. Nós em lugar nenhum incorremos na estupidez de achar que o homem *tem* de pecar, sempre protestamos, pelo contrário, contra todo saber apenas experimental, e afirmamos, que agora tornamos a repetir, que o pecado pressupõe a si próprio do mesmo modo como a liberdade, e não deixa explicar por meio de algo antecedente. (Leibniz) que tanto pode escolher o bem como o mal, é tornar radicalmente impossível qualquer explicação. Fazer principiar a liberdade como um *liberum arbitrium* (que não se encontra em nenhum lugar). Falar de bem e mal como objetos da liberdade, significa conceber de modo finito tanto a liberdade quanto os conceitos de bem e de mal. A liberdade é infinita e aparece do nada. Por isso, querer dizer que o homem peca de maneira necessária, é querer esticar numa linha reta o círculo do salto (KIERKEGAARD, 2010, P. 120).

Pensemos ainda em liberdade como uma determinação. É o que permeia toda a obra kierkegaardiana, no que refere ao homem (Adão) como indivíduo e como gênero (outro paradoxo) em relação à sua representatividade no pecado implicando no questionamento da liberdade do restante da humanidade – se em Adão todos pecaram, como uma transmissão involuntária para uma recepção também involuntária, onde se encontra a liberdade, senão na determinação.

Outra questão paradoxal da liberdade eferida paradoxalmente em *O Conceito de Angústia* é a questão da “escolha” entre o bem e mal em que Kierkegaard, numa digressão sobre a liberdade diz que admitir a proibição é despertar o desejo, isso leva, em vez de ignorância, um saber e, nesse caso Adão teria um saber acerca da liberdade e sentir prazer em usá-la – isso gera angústia porque a proibição desperta nele a possibilidade de liberdade. A proibição dá a possibilidade de desobedecer – aí gera a angústia de “ser capaz de”. Acontece que junto com a proibição segue-se as palavras de julgamento: “Certamente morrerás”; mas isso, para Kierkegaard não compromete a liberdade de Adão de jeito nenhum, embora a

---

<sup>5</sup> Realidade efetiva tem a ver com uma determinação intermediária, que consiste na angústia, mas que nem explica o salto qualitativo, nem o justifica eticamente. A angústia não é uma determinação da necessidade, mas também não o é da liberdade. Consiste apenas de uma liberdade enredada – [hildet – complicada], onde a liberdade não é livre em si mesma, mas tolhida, não pela necessidade, mas em si mesma.

ameça realça a ideia do horror, que aqui se converte em angústia, especialmente, caso ele não tenha compreendido o enunciado, prevalecendo nele a ambiguidade da angústia e a inocência levada ao seu extremo.

### **Considerações Finais**

Conforme referido acima, Kierkegaard afirma que paradoxo é uma paixão. Uma paixão localizada exatamente no conteúdo de suas obras. Aí ele demonstra sua paixão pelo paradoxo, porque ele acreditava que pensador deve conviver constantemente com algum tipo de paradoxo, fugindo, desse modo, da mediocridade. Sendo assim não há escândalo no paradoxo, assim, a busca deve ser em aceitá-lo; não em resolvê-lo. São muitas as coisas nessa existência que não se resolvem, não se esclarecem e, por isso não se compreende. Mas nem por isso, se deixa de aceitar e pautar a vida por meio delas. O exemplo prático que Kierkegaard nos faz lembrar é o paradoxo de se tornar um cristão verdadeiro. Não com base na racionalidade, porque a fé, o amor e a liberdade nem sempre são conceitos compreendidos racionalmente, mas aceitos e vividos, tendo os olhos fitos nos céus, ou seja, naquele que lá habita e nas Escrituras como fonte genuína, onde são postos esses paradoxos que estabelecem e propõem o cristianismo como plataforma onde devem ser vividos esses, como tantos outros, que são de números quase inumeráveis (para usar aqui um jargão aristotélico) – os paradoxos são colocados para a verdadeira vida cristã, exemplificadas em Abraão, em Lázaro e, principalmente em Cristo.

O cenário vivido nesse palco (a vida cristã) é a luta e tribulação que faz reverdecer numa constante busca da mais perfeita demonstração de fé, de amor e de liberdade (por que não a dizer também: esperança, uma vez que esperança compõe o grupo de dons – como na conclusão do texto Epístola de Paulo aos Coríntios)<sup>6</sup> do qual Kierkegaard extraiu a ideia da sua obra *As Obras do Amor*. Por isso encontramos em sua obra chamada “Migalhas Filosóficas” o conceito de paradoxo absoluto, o Deus-Homem, que remete ao Cristianismo na questão de como compreender a encarnação do Filho de Deus no mistério da relação de Jesus Cristo com ser humano, tornando-se semelhança de homem e assumindo a forma de servo.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> 1Coríntios 13:13.

<sup>7</sup> Filipenses 2.7.

### Referências Bibliográficas

BLANC, Charles Le. *Kierkegaard*. Tradução de Marina Appenzekker. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. (Figuras do Saber).

COLLINS, James. *El Pensamento de Kierkegaard*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1986

FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Petrópolis: Vozes, 2006.

KIERKEGAARD, Soren A. *O Conceito de Angústia*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção pensamento humano).

\_\_\_\_\_ *O Banquete*. Lisboa: Fondo de Cultura Economica, 1953.

\_\_\_\_\_ *As Obras do Amor: Algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_ *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero Humano*. Tradução de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1998. (Os Pensadores).

\_\_\_\_\_ *Johannes Climacus ou é preciso duvidar de tudo*. Tradução de Silvia Saviano Sampaio e Álvaro Luiz Montenegro Valls. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_ *Migalhas Filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus*. Tradução brasileira de Ernani Reichmann e Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_ *O Conceito de Ironia: Constantemente Referindo a Sócrates*. Apresentação e tradução: Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_ *O Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2007.

MESNARD, Pierre. *Kierkegaard*. Lisboa: Edições 70, 1953

PAULA, Marcio Gimenes de. *Subjetividade e Objetividade em Kierkegaard*. São Paulo: Annablume, 2009.